

A SAUDADE NA POESIA DE RUI KNOPFLI¹

António Braz Teixeira

Instituto de Filosofia Luso-Brasileira

Palácio da Independência, Largo de S. Domingos, 11, 1150-320 Lisboa

(351) 213241470 | iflbgeral@gmail.com

Neste texto, procuraremos verificar o modo como o sentimento saudoso se exprimiu na poesia de Rui Knopfli, um dos autores moçambicanos em que achou mais funda e significativa presença.

Palavras-chave: Rui Knopfli, filosofia da saudade.

In this paper we will try to verify how the wistful feeling was expressed in the poetry of rui knopfli, one of the Mozambican authors found that deeper and significant presence.

Keywords: rui knopfli, philosophy of longing.

¹ Artigo igualmente publicado na Revista NOVA ÁGUIA (www.novaaguia.blogspot.com): nº 16, 2º Semestre de 2015, pp. 201-206.

“Os seus traços seus gestos o seu rictus
– uma viagem insólita entre
detalhes e o abstracto.
A íntima convicção de que no fundo
a morte
se viesse, quando viesse, viria,
canto de libertação”

Virgílio de Lemos, *primeira Ode a Rui Knopfli*

1. A publicação, na última década e meia, da obra poética, em boa parte dispersa ou inédita, de autores como Rui de Noronha, João Fonseca Amaral, José Craveirinha, Noémia de Sousa, Glória de Sant’Anna, Rui Knopfli ou Virgílio de Lemos possibilita, hoje, uma visão do valor relativo de cada uma delas e esboçar um quadro da poesia moçambicana da segunda metade de Novecentos diverso e mais compreensivo do que aqueles que prevaleceram ou foram aceites até há algum tempo.

Com efeito, se continua intocado o significado e o alto valor da obra lírica de Reinaldo Ferreira, José Craveirinha ou João Pedro Grabato Dias, em contrapartida, afigura-se, hoje, menos relevante a poesia de Fonseca Amaral ou Noémia de Sousa, ao mesmo tempo que reclama nova compreensão e diversa avaliação o labor poético de Rui de Noronha e avultam como figuras maiores autores como Glória de Sant’Anna, Rui Knopfli ou Virgílio de Lemos, até há pouco incompletamente atendidos e valorizados na sua singular originalidade e superior qualidade literária.

Por outro lado, a investigação que, há alguns anos, venho realizando acerca da saudade, primeiro na sua dimensão especulativa, em Portugal, na Galiza e no Brasil² e, mais recentemente, na sua expressão poética nas literaturas lusófonas africanas³, tem-me permitido confirmar o relevante lugar que a expressão do sentimento saudoso nelas ocupa, bem como a diversidade de modos de vivenciá-lo e de exprimi-lo que tem revelado ou assumido em cada uma delas.

2. Lembre-se, a este propósito que, relativamente à saudade, tanto em Portugal como na Galiza ou no Brasil, a expressão poética precedeu, em muito, a sua consideração reflexiva e a constituição de uma *filosofia da saudade*.

² *A Filosofia da Saudade*, Lisboa, QuidNovi, 2006 e “Da possibilidade de pensar a saudade a partir da filosofia espanhola contemporânea” *Actas do IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*, Sintra, Zéfiro, 2012, pp. 268-280.

³ “Expressão e sentido da saudade na poesia angolana” Viana do Castelo, *II Colóquio Português sobre a Saudade*, 2002, pp. 99-111, “Expressão e sentido da saudade na poesia moçambicana contemporânea, *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*, Sintra, Zéfiro, 2008, pp. 41-62 e “A saudade na poesia da ‘Claridade’”, *Nova Águia*, nº 9, 1º semestre, 2012, pp. 164-167.

Com efeito, entre nós, as duas linhas especulativas fundamentais que caracterizam e definem essa filosofia – a que se centra na análise dos elementos constitutivos do sentimento saudoso e a que busca apreender e compreender a sua dimensão ontológica e metafísica – surgiram, respectivamente, com el-rei D. Duarte, no início do séc. XV e com D. Francisco Manuel de Melo, em meados do séc. XVII, após a sua expressão lírica, nos cancioneros medievais, a primeira, e depois da sua expressão cósmica, mítica e transcendente, em Camões, António Ferreira, Bernardim e Agostinho da Cruz, a segunda.

Por seu turno, na Galiza, o lugar central e decisivo que a saudade encontrou no renascimento do galego como língua literária, levado a cabo por poetas como Rosalia, Curros, Poudal, Carrajal ou Noriega Varela, na segunda metade de Oitocentos, só à volta de 1920, em Ramón Cabanillas, veio a achar o primeiro equivalente especulativo, para, depois, a partir de 1950, dar origem a uma verdadeira filosofia galega da saudade, no pensamento e na obra de Ramón Piñeiro, Rof Carballo, Garcia Sabell, Daniel Cortezón, Torres Queiruga ou Garcia Soto.

De igual modo, o Brasil, não obstante o grande peso literário que, pelo menos desde o séc. XVII, a saudade aí teve e de haver sido sob o seu signo que, como entre nós, o romantismo se iniciou, unicamente em meados da centúria finda, ela viria a encontrar a primeira consideração reflexiva, no pensamento filosófico de Miguel Reale.

Não será, por isso, de estranhar que, nas literaturas africanas lusófonas que, com excepção da angolana, algumas décadas mais antiga, só no final do séc. XIX conheceram as suas primeiras manifestações poéticas, de retardado sabor romântico ou ultra-romântico, ainda não hajam logrado ascender ao estádio reflexivo relativamente à saudade, apesar de, como há pouco notei, nelas assumir significativo relevo uma diversificada expressão do sentimento saudoso.

3. Se a todas essas literaturas é comum a presença da saudade da infância, de amores frustrados, não correspondidos ou ausentes, de familiares e amigos desaparecidos, não só estas formas de saudade assumem diversa presença ou intensidade em cada uma dessas literaturas como se exprimem de modos também diversos, coexistindo, nalgumas delas, com outras expressões do sentimento saudoso ou com diferentes formas de compreensão da especificidade do tempo próprio da saudade, com modos

mais negativos ou mais esperançados de vivenciá-la ou com uma sua relação com o sagrado ou como saudade de Deus.

Assim, se procurarmos determinar ou explicitar a teoria ou visão da saudade implícita nas poesias angolana e moçambicana, seremos levados a concluir que, nelas, o sentimento saudoso apresenta uma dimensão exclusivamente antropológica, nenhuma expressão aí encontrando as suas dimensões cósmica e divina.

Por outro lado, aparecendo, aí, amiúde, como sinal, consequência ou expressão da finitude humana e tendo como origem predominante a distância ou a ausência e como referência o tempo passado, em especial a infância, transfigurada pela memória inventiva que é própria da mesma saudade, não deixa de, algumas vezes, se reportar a um tempo possível que não chegou a ser ou a um tempo sonhado ou desejado, não deixando também, em certos casos, de se referir a um tempo que não foi vivido por aquele que a sente ou evoca, cumprindo, ainda, notar ser, por vezes, o objecto do sentimento saudoso constituído pelas próprias saudades anteriormente sentidas.

Acresce que não só, em alguns líricos angolanos e moçambicanos, se revela a consciência do carácter paradoxal, ambivalente ou bifronte da saudade, resultante da fusão que nela se opera da lembrança ou reminiscência com o desejo de regresso ou de recuperação do tempo vivido ou sonhado, como é relativamente raro que nelas compareça a dimensão projectiva e esperançada da saudade ou o seu sentido unitivo ou religativo, a sua capacidade para resgatar ou anular o tempo.

Note-se ainda que, diversamente do que tem ocorrido em Moçambique, na poesia angolana, na expressão da saudade, predomina um niilismo desesperado ou um certo fatalismo triste, que tende a senti-la como “tempo morto que mata”, como a “negra sombra” de que falava Rosália, ou como algo que nasce quando morre o sonho.

Cabe notar, ainda, que, diversamente do que tem acontecido na poesia angolana, em alguns poetas de Moçambique, como Glória de Sant’Anna ou Rui Knopfli, se afigura haver uma patente virtualidade especulativa, uma assinalável proximidade entre o saber cordial que a saudade proporciona e veícula e as formas da razão discursiva, ao mesmo tempo que a cosmologia poética de Mia Couto, transfiguradamente enraizada numa África secreta e mágica, em que a natureza é ainda primordialmente habitada pelos deuses, poderá vir a proporcionar novas vias para uma mais aprofundada e renovada compreensão do sentido humano, cósmico e transcendente do sentimento saudoso e para uma outra metafísica da saudade.

4. Por seu turno, a poesia cabo-verdiana, em que, como na galega, assumem decisivo relevo as formas ou as expressões da saudade directamente relacionadas com a ausência originada pela emigração, tanto a saudade dos que partiram como a dos que ficaram, sente-a, muitas vezes, como “fininha melancolia” (Jorge Barbosa), assim como confere grande presença à saudade do que não chegou a ser, ou que só chegou a ser no sonho ou na imaginação, bem como vivencia, também com frequência, o tempo saudoso como tempo meramente sonhado ou inventado, fruto da memória inventiva saudosa.

Por outro lado, e diferentemente do que se tem passado em Angola e Moçambique, no lirismo do arquipélago crioulo, é significativa a expressão de uma dimensão metafísica da saudade e uma visão futurante do sentimento saudoso, próxima de alguma poesia portuguesa e brasileira.

Já na poesia santomense se exprime, amiúde, a vivida consciência da ambivalência do sentimento saudoso, quando os líricos do arquipélago equatorial se referem ao “doce amargor da saudade” ou à “deliciosa fusão de lembrança e dor” que nela se realiza (Costa Alegre) ou ao seu “amargo dulçor” (Marcelino da Veiga), do mesmo passo que não deixou de encontrar eco a “saudade divina” ou a saudade de Deus (Costa Alegre), bem como, ao lado de uma amarga revolta pela condição dos trabalhadores africanos (Marcelino da Veiga, Francisco Tenreiro e Alda do Espírito Santo), uma particular forma sebástico-messiânica, no poema *Anguéne*, de Fernando de Macedo.

5. É neste contexto que penso dever ser tentada a adequada compreensão do modo como o sentimento saudoso se exprimiu na poesia de Rui Knopfli, um dos autores moçambicanos em que achou mais funda e significativa presença.

Reclamando-se, embora, do magistério poético de Fonseca Amaral, num texto, de pessoano título, do início da década de 70 da passada centúria⁴, quando levava já publicadas quatro recolhas que lhe haviam granjeado o reconhecimento da crítica como uma das vozes poéticas mais ricas e pessoais da nascente literatura moçambicana, o autor de *Máquina de areia* (1964) e *Mangas verdes com sal* (1968), mais do que com a escassa e dispersa obra lírica do reivindicado mestre, revelava mais claras afinidades com Carlos Drummond de Andrade e Alexandre O’Neill, a que

⁴ “Notas para a recordação do meu mestre Fonseca Amaral”, *Caliban*, nº 2, Lourenço Marques, Novembro 1971.

mais tarde, por via do comum interesse pela poesia de língua inglesa, viria a acrescentar-se Jorge de Sena.

O também poeta moçambicano Virgílio de Lemos, numa das duas odes que lhe dedicou, retratou-o com certo rigor, ao dizer, na primeira delas:

“Ele falava, a voz arrastada, rugosa,
diria agreste,
soprada pelos brônquios, adivinhada,
quase voz.
Mas a sua memória se mantinha alerta,
ironia, violência, sarcasmo”

para, na segunda ode, completar esse retrato, acrescentando:

“O poeta sabia que na instabilidade
do que em si é
matéria e forma,
sensuais vapores na música
de aparências,
viviam os grãos de areia do desejo,
ondas que se dissolvem
na voz do poema:
barroco fascínio
de quem viaja entre transe e posse”

concluindo, numa alusão implícita à saudade:

“Grécia, tua e minha,
entre sobriedade e rigor,
êxtase,
ausência e melancolia”⁵

6. Com efeito, são, efectivamente, a *ausência* e a *melancolia* que perpassam na poesia do autor de *O corpo de Atena*, na qual a saudade da infância e dos familiares mortos e, após o exílio a que se viu forçado em 1975, a dolorida saudade da terra moçambicana e da sua cidade de Lourenço Marques ocupam um lugar central, a ponto de ser possível dizer que é o sentimento saudoso que, em surdina e como que ocultado ou disfarçado sob a capa de uma amarga auto-ironia, domina toda a sua criação literária.

⁵ “Odes a Rui Knopfli”, *A dimensão do desejo*, Maputo, AMOLP, 2009, p. 117, itálicos nossos.

Logo na sua primeira colectânea poética, significativamente intitulada *O país dos outros* (1959), o poeta falará de:

“Apenas uma vaga angústia presente,
uma saudade sem recomeços,
a lembrança tépida a gelar como
veios de mármore”⁶

para, depois, na secção intitulada “Da memória”, ao recordar a infância, na rua em que foi menino, concluir, amargamente:

“Nada tem já de encanto. Construíram
um prédio novo no descampado,
cortaram o bambual, roubaram
minha espada de lata, mataram
a criança que havia em mim.” (p. 77)

acabando por reconhecer:

“Engano. Julguei que regressava.
Não se regressa.
É de lágrimas a paisagem que vejo.” (p. 78)

Noutro poema da mesma secção, referindo-se, igualmente, à sua infância, dirá:

“Eu aqui mordo-me de lembranças
e saudades.
(...) nunca mais, com a brisa da tarde a cair,
me irei sentar na borda do passeio,
à esquina” (p. 73)

7. O segundo livro de poemas de Rui Knopfli, *Reino submarino* (1962) é, em larga medida, dominado pela saudade da filha morta, a cuja memória o volume é dedicado, bem como pela evocação de alguns amigos recentemente desaparecidos, como o poeta Reinaldo Ferreira. Lembrando a filha morta, escreve o poeta:

“Recordo-te no velho retrato da infância,
o cabelinho curto,
o olhar triste,
o sorriso terno
(...)
Sei hoje que escondeste bem fundo

⁶ *Obra poética*, Lisboa, INCM, 2003, p. 41, a que se referem todas as citações.

dentro de ti
a menina do retrato
e os gestos que sabias.
Sei também que as nossas vidas
agora correm
como duas rectas paralelas
que nunca se encontram.
E que os géómetras digam
que no infinito elas se tocam,
não é para mim consolação” (p. 127)

Vincando esta mesma ideia, dirá, noutro poema:

“Escrevo-te estas palavras
sabendo que não as lerás.”
(...)
“Nunca mais
nos encontraremos. Jamais.
A morte é isso, é acabar
simplesmente, não acontecer mais
jamais
(...)
Continuaremos a viver, dolorida
a consciência
da tua cada vez maior ausência.
E o teu pequeno corpo moreno,
que nem todo o meu amor aquece
é um palmo de ternura
que apodrece.” (pp. 135-136)

Noutro poema do mesmo ciclo, “A uma criança longe”, escreveu ainda Knopfli:

“Eu, dentro de mim,
recordo o teu pequeno rosto oval
nítido de ausência.
O que resta da tepidez
em minhas imobilizadas mãos
é lembrança tua.
(...)
Inteira, a tua morte

viaja dentro de mim” (p. 138)

8. Nas obras seguintes, continua a marcar quase obsessiva presença a saudade da infância, acompanhada agora da saudade do pai e, mais amplamente, de todos os familiares desaparecidos,

“Os que atravessaram o grande rio.
Os que escurecem na lembrança
lá, distantes, a face lisa sem
feições depois do rosto nítido,
o espaço diminuto, o ponto,
ainda a iminência da saudade.” (p. 173)

Ao mesmo tempo que, anos mais tarde, confessará:

“Aprendi depois o convívio com a morte e que mortos
são apenas gente que nos espera dormindo.” (p. 378)

Da persistente e dolorida saudade da infância, amiúde associada à evocação saudosa do pai, há abundantes exemplos em *Mangas verdes com sal*, do pai a cuja memória o livro é dedicado.

Assim, no poema “Baldio”, dirá que “o menino que eu fui debruça-se furtivo / dos meus olhos sobre o recanto da paisagem” (pp. 205-206), enquanto, recordando as tardes de cinema da sua infância, no poema “Guns in the afternoon”, notará que, então, “não nos perturbavam / noções como essa do tempo, pois que / o tempo era apenas uma ausência gostosa” (p. 206) ou, em “Babel e o labirinto”, escreverá: “Para trás tomba o peso insuportável da infância” (pp. 396-397).

E, num irónico auto-retrato, não deixará de notar:

“De português tenho a nostalgia lírica
de coisas passadistas, de uma infância
amortalhada entre loucos girassóis e folguedos” (p. 259)

O poeta, que afirmava “nunca escrevi versos que não fossem de amor” (p. 193), e que dizia: “troco os meus versos / mais perfeitos pelo riso antigo / e verdadeiro do meu filho” (p. 208), referir-se-á, com terna saudade, ao pai recém desaparecido:

“No centro da praça, meu pai acena
do fundo de tempo: o coração
da cidade ao voltar da esquina” (p. 308)

ou, noutro poema:

“Pela brancura das paredes

escorre, em ar de sonho,
a penumbra adivinhada.
Mal se percebem no retrato
o cansaço, a doença,
as rugas do teu rosto
e o tempo, sempre o tempo,
duro, vigilante e implacável.
Já a sombra te envolve
e nela como que te deixas
amortalhar, absorto e distante” (p. 313)

acrescentando, depois:

“Outra vez menino
enfrento, aos ombros de meu pai,
a carneirada mansa das ondas.
Mas meu pai partiu
e receando, sozinho, o mar
entrincheiro-me sobre as ostras
e a espessura do café grego
no canto mais obscuro do botequim.” (p. 315)

Significativo é, no contexto da poesia escrita por Rui Knopfli ainda em Moçambique, o poema “Lembranças do futuro”:

“Traz-me lembranças tristes o porvir,
mais do que as débeis luzes a jusante
acesas por consecutivas saudades.

O pranto do homem é o menino perdido,
mas a criança que chora na margem
não se chora. Chora o homem:
só os poetas têm lembranças do futuro.” (p. 306)

Não menos significativa é a passagem de *O Livro melancólico de Tao Li*, em que o poeta diz:

“Quando as olhas (as estrelas)
nelas vês (conquanto o ignores)
estremecer o brilho da saudade” (p. 417)

revelador da ideia, hoje relativamente consensual, de que, longe de constituir algo exclusivamente português ou luso-galaico, a saudade tem um carácter universal e

radicalmente humano, por constituir “um acontecimento psíquico susceptível de se dar em qualquer homem” (Joaquim de Carvalho).

9. Após o forçado exílio a que a situação pós independência o compeliu, primeiro em Londres e depois em Lisboa, é agora mais pungente a saudade da terra moçambicana e da Lourenço Marques da meninice feliz que aí vivera.

Assim, no volume *O escriba acorçado* (1978), a sua primeira obra publicada em Portugal e não já em Moçambique, como todas as anteriores, dirigindo-se ao Pai desaparecido alguns anos antes, dirá:

“Pai, entre os torpes
fumegantes destroços do Império, teu filho esconde
o rosto e esgueira-se furtivo pelas malhas da diáspora” (p. 393)

para, algumas páginas adiante, escrever:

“Uma última vez percorro a cidade no dia
em que começa a minha morte. Reconheço
estes lugares apesar da mudança e a sua
esquiva familiaridade roça-me as tolhidas
asas da memória. Aqui escrevi. Naquela
sombra imaginei. Entre uma e outra coisa
vivi.” (p. 386)

Alguns anos mais tarde, em *O corpo de Atena* (1984), sob o significativo título “Derrota”, dirá, recordando ou evocando, saudosamente, as terras moçambicanas:

“Mágoa índica, doída saudade do sol-
-poente de praias na distância, travado
na garganta o soluço à luz
crepuscular que persiste e teima
não tornar-se olvido. Sal saudade,

padrão, dura lembrança erguida
contra obturações e fissuras do tempo,
assim principia uma jornada
de longas tribulações: o que fomos
jamais seremos, evocativas sombras

que somos de grandeza envilecida,
voz asfixiada no sono entorpecente

da consciência sem remorso,

(...) de pátrias
rejeitados, na pátria indesejados,
silentes volvemos, vultos espectrais
no mar lento de negrume e escombros
ao cais cinzento do destino original,
às exéquias do sonho em campa anónima”

E conclui o poema, dizendo:

“Ainda que cantar seja seu modo,
não canta, chora meu canto.” (pp. 443-444)

Vincando a sua situação de exilado, que se não reconhece em nenhum dos seus dois lugares de exílio, escreverá, com magoada ironia:

“pergunto-te e pergunto-me,
adiando a resposta, que teremos
nós a ver com D. Sebastião
e o rei Artur, além do nevoeiro.” (p. 455)

E, no poema “Memória consentida” (título da primeira reunião da sua obra poética)⁷, interrogar-se-á:

“De que sonho, ou vida, ou espaço de outrem
provêm tais sombras melancólicas,
ferindo de indecifráveis avisos

este lugar em que, não sendo consentido
o coração, se não consentem tempo e memória?” (p. 475)

Será, porém, em *O monhé das cobras* (1997), a sua última recolha poética, que, significativamente, tem em epígrafe a afirmação de Saint-Exupéry, “je suis d’une enfance comme d’un pays”, que a presença saudosa das figuras, dos nomes, dos lugares, das estátuas de Lourenço Marques da sua infância de novo e dominantemente se afirma, contraposta à inadaptação do desterrado no frio londrino e à visita melancólica ao jazigo alentejano da família:

“pertencemos todos a esta África lusitana
que pelas outras se expandiria. Por
estas andámos perdidos, ignorando então

⁷ *Memória consentida*, Lisboa, INCM, 1983.

que a passagem obrigava ao regresso.” (p. 527)

Este melancólico desenraizamento do poeta, em toda a parte desterrado, havia já sido anteriormente afirmado, em *O escriba acorçado*, quando notara que “legado / de palavras, pátria é só a língua em que me digo” (p. 380), forma mais radical e solipsista do que a tão abusivamente citada afirmação atribuída por Pessoa a Bernardo Soares, de que “a minha pátria é a língua portuguesa”.